

Colóquio Internacional Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 – www.tvrealidade.ufba.br



Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas
Grupo de Análise de Telejornalismo



“Abril Vermelho”: os efeitos de sentido que o MST produz na mídia televisiva¹

Cristiano Anuniação²

Fernanda Castro³

Nilton Milanez⁴

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo

O presente trabalho se insere na Análise do Discurso de linha francesa, tomando os postulados de Michel Foucault. Analisaremos o processo discursivo nos telejornais sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), veiculados pelos programas *Jornal da Record* e *BandNews*, respectivamente, da *Rede Record* e *BandNews*. O estudo discutirá quais efeitos de sentido emergem por meio da mídia televisiva durante o “Abril Vermelho”, quando o MST ocupa terras em todo o país para mobilizar a sociedade para lutar pela reforma agrária, além de outras bandeiras do Movimento, considerando os procedimentos de controle para a constituição de sua identidade.

Palavras-chave: discurso; efeitos de sentido; mídia; televisão; MST.

¹ Projeto de Pesquisa “Corpo e Discurso: lugares de memórias das identidades brasileiras na mídia e na literatura”, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/Vitória da Conquista; coordenado pelo professor Dr. Nilton Milanez.

² Bolsista UESB/PIC, graduando do VII semestre de Comunicação Social / Jornalismo, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB/VIC; participante do Grudiorco/CNPq – Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo; e-mail: cristianoanun@bol.com.br.

³ Bolsista CNPq, graduanda do VII semestre de Comunicação Social / Jornalismo, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB/VIC; participante do Grudiorco/CNPq – Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo; e-mail: nandazzen@gmail.com.

⁴ Professor Doutor em Linguística / Análise do Discurso, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB/VIC; líder do Grudiorco/CNPq; e-mail: niltonmilanez@hotmail.com.

O MST, o Abril Vermelho e a televisão

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), considerado o maior movimento de luta pela terra na América Latina, surgiu como uma entidade registrada na década de 1980 por conta da má distribuição de terras no país, unindo indivíduos que se sentiam excluídos da sociedade. Esses sujeitos encontram no Movimento uma identidade, pois “a consciência da comum situação de carência e exclusão social decorrente do não ter a terra leva o grupo a criar sua identidade” (FERNANDES apud GRYBOWSKI 1991, p.51). No entanto, isso é pouco conhecido, uma vez que no Brasil os movimentos sociais têm poucas inserções nas mais diversas mídias, e quando aparece é de forma estereotipada. O MST sempre aparece como um movimento no qual sua ação “é apenas de ‘invadir’ terras, ou seja, um ato ilegal e não ocupar utilizar algo obsoleto” (FERNANDES, 2007, p.19), não pautando outras atividades que o Movimento realiza. São identidades construídas e propagadas no meio social em que esses sujeitos estão inseridos.

A chamada grande mídia, principalmente através da televisão, meio de maior alcance no Brasil, tem sido a maior produtora de determinados discursos com relação aos movimentos sociais. Geralmente, esses tipos de sujeitos são retratados como desocupados, invasores, vândalos e outros adjetivos de caráter pejorativo. O jornalismo televisivo é um dos agentes desse processo de manutenção de discursos. Uma dessas práticas ocorre num determinado período do ano. No mês de abril, o MST realiza uma série de manifestações pelo país afora para reforçar a luta pela terra, conhecidas como “Abril Vermelho”. A finalidade é chamar a atenção da mídia e da sociedade para a luta do movimento pela reforma agrária no Brasil. O objetivo desta pesquisa é perceber e discutir como se estabelece a construção identitária do sujeito representado pelo MST na televisão, justamente no período do “Abril Vermelho”.

O discurso da mídia televisiva

A significação do termo *discurso* nos estudos da *Análise do Discurso* ultrapassa questões relativas somente aos processos de língua e fala. O discurso é “palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa, é constantemente utilizada para efetuar referência a pronunciamentos políticos, a um texto construído.” (FERNANDES, 2007, p.17). No entanto, é preciso entendê-lo como objeto de estudo, ferramenta que possibilita analisar nas mais diversas mídias os seus formatos de construção de verdades e a realidade. Fernandes (2007, p.18) afirma que discurso “não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter uma experiência material”. O discurso não se limita à língua(gem) propriamente dita, como se conhece, mas se materializa por meio dela. Por isso, “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana” (FERNANDES, 2007 p.20). O autor afirma que

“como o discurso encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas lingüísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente lingüístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala, fora delas, ou seja, para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso, objeto a ser focalizado para análise. Eis que, dessa maneira, se instaura um campo de conflitos no qual diferenças sociais coexistem. Se há diferenças, há embates no social e, conseqüentemente, no lingüístico” (FERNANDES, 2007: 23, 24).

Os sujeitos são os agentes desse processo discursivo. Sem os sujeitos não haveria os discursos. Assim sendo, sujeitos produzem efeitos de sentidos em seus discursos. De acordo com Fernandes (2007, p.21), “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam”. O discurso é parte de um conjunto complexo no qual tem dentro dele o enunciado. Foucault, em sua *Ordem do Discurso*, compreende discurso como um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem a regras de funcionamento comuns. Os sujeitos produzem sentidos através dos enunciados de seus discursos, revelando sua posição socioideológica. Assim, uma mesma palavra traz consigo diferentes significados (sentidos). Isso atesta a dinamicidade que

caracteriza a própria significação das palavras no discurso. “Portanto, ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso”, declara Fernandes (2007, p. 24).

O discurso, tal qual é proferido na sociedade, colabora para legitimar o sistema político e socioeconômico vigente. Foucault (2008, p.8) supõe que “em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. E dessa forma se mantém a “ordem social”. Ele afirma que até os discursos que surgem espontaneamente, mesmo antes ou depois de sua manifestação, são submetidos à seleção e ao controle. Além disso, discursos podem manipular. Para Foucault,

“por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008: 10).

Na nossa sociedade - e Foucault a utiliza de forma pragmática e empírica - a construção de discursos se reforça principalmente através da educação. Para ele, a forma como o conhecimento é aplicado na sociedade colabora para a exclusão. Destarte, Foucault (2008, p. 17-18) faz uso, simbolicamente, de um “velho princípio grego” para exemplificar sua posição: “que a aritmética pode bem ser o assunto das cidades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas somente a geometria deve ser ensinada nas oligarquias, pois demonstra as proporções na desigualdade”. E acrescenta:

“Enfim, em escala muito mais ampla, é preciso reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos. Sabe-se que a educação, embora seja de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as

linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2008: 43,44).

A mídia moderna, portanto, constrói realidades e verdades por meio do fortalecimento da lógica individualista e reprodução de modelos prontos, mostra que “o trabalho discursivo de produção de identidades desenvolvido pela mídia cumpre funções sociais básicas, tradicionalmente desempenhadas pelos mitos – a reprodução de imagens culturais, a generalização e a integração social dos indivíduos” (GREGOLIN, 2007, p.50). Todos construídos através de técnicas que asseguram uma sociedade estereotipada e generalizada, tendo na subjetividade o fortalecimento do seu discurso. É na subjetividade que a mídia assegura a sua condição de mola mestra na sociedade contemporânea, criando e recriando as condições de convívio social dentro de um sistema consumidor.

Desta forma, a mídia é capaz de fomentar as mais diversas identidades na sociedade. E os grupos sociais, se encaixam nos discursos da mídia como sujeitos onde suas contradições desaparecem com o discurso da subjetividade que não se reduz ao discurso individual, “a subjetividade não se situa no campo individual, mas no de todos os processos de produção social e material” (GREGOLIN, 2007, p.54). Os sujeitos, portanto, nas suas particularidades, são construídos no interior de discursos que os fazem assumir diferentes subjetividades no campo social.

Na sociedade contemporânea a mídia tem um papel importante para sustentar a globalização. Por exemplo, a mídia televisiva brasileira passa a construir identidades de forma mais rápida. Mas é preciso entender que mesmo com todos os recursos tecnológicos dessa e das novas mídias não há uma passividade dos sujeitos, que estariam submetidos a essa ordem, “pelo contrário, há pontos de fuga, de resistência, de singularização” (GREGOLIN, 2007, pg.55).

As identidades dos movimentos sociais criados pela mídia são situados nos estereótipos de que os movimentos se centram em invadir terras, não pautando outras formas de luta social, como por exemplo a educação. Analisar como a mídia se comporta em relação aos movimentos e em especial, ao MST, é compreender um sujeito

com uma identidade, baseada na luta pela terra. Assim, é preciso entender que os discursos partem de pontos diferentes, que causam os conflitos, “pois o sujeito ao se mostrar, inscreve-se, em um espaço socioideológico, e não em outros, enuncia a partir de sua inscrição ideológica” (FERNANDES, 2007, p.19). Dessa feita, criam-se identidades a partir de uma determinada história, de uma memória.

Esses produtos midiáticos se constroem paulatinamente na história social. Na mídia, há acontecimentos que remetem a outros passados. “Pensar o presente é, portanto, tentar compreender a viagem do nosso corpo pelo espaço num tempo determinado” (MILANEZ, 2006 p.155). Assim, os sujeitos, através dos corpos, que na atualidade, se comportam como formatos prontos, da maneira que são construídos através da mídia e suas ferramentas, assumem a postura de um sujeito “que busca conhecer a si próprio” e ao mesmo tempo “permite que se estabeleçam laços com uma comunidade, uma obra, um conjunto complexo de relações, caracterizando uma multiplicidade de espaços e tempo no qual se inscreve” (MILANEZ, 2006, p.161). São, portanto, sujeitos que perpassam por uma memória e guardam consigo singularidades no discurso, ganhando forma através da posição que assume o corpo. Formas essas, que podem ser travadas com as relações de poder, referendadas pelo discurso midiático.

Nesse sentido, a televisão, meio de maior inserção na sociedade brasileira, é capaz de criar e sustentar identidades através do seu discurso. A televisão tem nos telejornais um espaço responsável por informar a sociedade dos mais diversos assuntos, pautando e selecionando o que deve ir ou não ao ar, ou seja, o que a sociedade deve ou não saber. “O acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto” (BOURDIEU, 1997, p.19).

Com isso, a televisão vai além do seu papel de informar. Ela consegue sustentar determinada ideologia por meio do seu discurso. “E insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se cada vez mais um instrumento de criação de realidade” (BOURDIEU, 1997, p. 29). A sociedade é cercada, então, pelos efeitos de sentidos produzidos a partir dos discursos que são travados pela mídia televisiva nos mais diversos segmentos que a compõe. O conhecimento desses pressupostos

possibilitará a análise dos telejornais *Jornal da Record* e *BandNews*, respectivamente, da *Rede Record* e *BandNews* e, por conseguinte, os efeitos de sentidos que emergem durante a veiculação de notícias sobre o “Abril Vermelho”.

O invadir e o ocupar

Esta pesquisa analisou os principais telejornais de duas emissoras brasileiras: *Rede Record*, com conteúdos diversificados em sua programação, e *BandNews*, emissora que adota um conteúdo totalmente voltado para o jornalismo. A partir daí, o presente trabalho estabeleceu uma série de comparações entre as abordagens feitas por ambas as emissoras. Apesar de retratarem acontecimentos em dias diferenciados, o *Jornal da Record* (dia 16) e o *BandNews* (dia 28) noticiaram o “Abril Vermelho”, que aconteceu em abril de 2008.

O primeiro telejornal informa sobre uma série de manifestações do MST no país. O repórter utiliza o verbo *invadir* e suas derivações (invasão, invadido) para designar ações promovidas pelos integrantes do movimento. Na matéria, não é mostrado o motivo das manifestações (o porquê), ou seja, exclui-se a contextualização do acontecimento. A matéria não traz entrevista nem com os integrantes do movimento nem com fontes oficiais. É relatado apenas o resultado da ação. Texto e imagens retratam o fato como um prejuízo para a sociedade, pois a manifestação paralisou o trânsito nos locais onde ocorreu o ato.

O *BandNews* noticia o “Abril Vermelho” de forma mais explicativa. Esse telejornal utiliza o verbo *ocupar* durante toda a matéria, e expõe o motivo da ocupação realizada pelo movimento. O repórter entrevista tanto pessoas do movimento como da administração do prédio ocupado, o que oferece uma abordagem mais adequada sobre o tema, pois “ouvir” todos os envolvidos no caso é um dos requisitos básicos do jornalismo. Além disso, essa é uma matéria que narra uma ocupação específica, permitindo um conhecimento mais aprofundado do fato para o telespectador.

Ao utilizar o verbo *invadir*, o *Jornal da Record* reforça, então, o discurso que predomina na mídia em relação aos movimentos sociais, de que são baderneiros e

vândalos. Já o *BandNews* traz um discurso diferenciado em relação a ação do MST, pois utiliza o verbo *ocupar*, desconstruindo o discurso sempre utilizado pela grande mídia brasileira nesse tipo de cobertura. Esse verbo causa um efeito de sentido de que o sujeito não se apodera de algo para si, apenas preenche um espaço para, com isso, dar visibilidade à manifestação, nesse caso o “Abril Vermelho”. Geralmente, o jornalismo emprega os verbos *invadir* e *ocupar* como sinônimos, o que não acontece em nenhuma das matérias dos telejornais analisados. O *Jornal da Record* só usa o verbo *invadir*, enquanto o *BandNews* utiliza somente o verbo *ocupar*.

Considerações finais

Dessa forma, os meios de comunicação, principalmente a televisão, produzem direta e/ou indiretamente, através de seus discursos, efeitos de sentido que acabam por determinar as relações sociais, colaborando para a manutenção do sistema em questão. É necessário perceber que esse processo é causa e consequência de ideologias, as quais se materializam através dos enunciados produzidos e reproduzidos pelos discursos. Nem sempre, a ideologia do sistema dominante é revelada de forma clara. Nesta pesquisa, a “simples” utilização dos verbos *ocupar* e *invadir* para designar a mesma ação demonstra como a mídia pode, por meio de determinados discursos, fazer emergir efeitos de sentidos de acontecimentos distantes no tempo e no espaço, mas que têm o mesmo propósito.

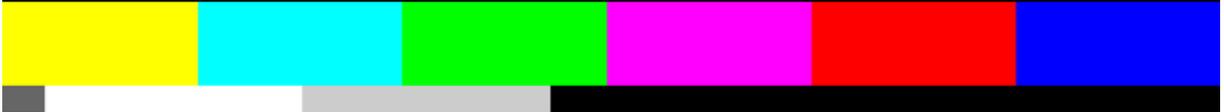
Referências Bibliográficas

1. BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Trad. de Maria Lúcia Machado. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Azhar. 1997.
2. FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
3. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.
4. GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso, História e a Produção de identidades na Mídia. In: FONSECA-SILVA, Conceição; POSSENTI, Sírio. **Mídia e Rede de Memória**. Vitória: Edições Uesb, 2007, pp.38-50

Colóquio Internacional

Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 – www.tvrealidade.ufba.br



5. MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago: memória e intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro (org.) **Estudos do texto e do discurso**. Mapeando Conceitos e Métodos, São Carlos: Claraluz, 2006, pp. 39 – 60.